

www.e-rara.ch

Madeira, Cabo-Verde e Guiné

Martins, João Augusto

Lisboa, 1891

ETH-Bibliothek Zürich

Persistent Link: <https://doi.org/10.3931/e-rara-111642>

Ilha do Fogo.

www.e-rara.ch

Die Plattform e-rara.ch macht die in Schweizer Bibliotheken vorhandenen Drucke online verfügbar. Das Spektrum reicht von Büchern über Karten bis zu illustrierten Materialien – von den Anfängen des Buchdrucks bis ins 20. Jahrhundert.

e-rara.ch provides online access to rare books available in Swiss libraries. The holdings extend from books and maps to illustrated material – from the beginnings of printing to the 20th century.

e-rara.ch met en ligne des reproductions numériques d'imprimés conservés dans les bibliothèques de Suisse. L'éventail va des livres aux documents iconographiques en passant par les cartes – des débuts de l'imprimerie jusqu'au 20e siècle.

e-rara.ch mette a disposizione in rete le edizioni antiche conservate nelle biblioteche svizzere. La collezione comprende libri, carte geografiche e materiale illustrato che risalgono agli inizi della tipografia fino ad arrivare al XX secolo.

Nutzungsbedingungen Dieses Digitalisat kann kostenfrei heruntergeladen werden. Die Lizenzierungsart und die Nutzungsbedingungen sind individuell zu jedem Dokument in den Titelinformationen angegeben. Für weitere Informationen siehe auch [Link]

Terms of Use This digital copy can be downloaded free of charge. The type of licensing and the terms of use are indicated in the title information for each document individually. For further information please refer to the terms of use on [Link]

Conditions d'utilisation Ce document numérique peut être téléchargé gratuitement. Son statut juridique et ses conditions d'utilisation sont précisés dans sa notice détaillée. Pour de plus amples informations, voir [Link]

Condizioni di utilizzo Questo documento può essere scaricato gratuitamente. Il tipo di licenza e le condizioni di utilizzo sono indicate nella notizia bibliografica del singolo documento. Per ulteriori informazioni vedi anche [Link]

Ilha do Fogo

Ao encetarmos a descripção especial de cada ilha do archipelago começamos pela ilha do Fogo, não só por ter sido ella a terra onde mais nos demoramos, mas porque o seu nome sabe aquecer sempre o nosso enthusiasmo, alimentado aliás, por sentimentos bem sympathicos e recordações bem profundas da nossa existencia.

A ilha do Fogo é a primitiva ilha de S. Filippe, cujo patrono é ainda hoje consagrado como nome da sua Villa principal, situada a W, fronteira á Brava, que lhe fica afastada apenas oito milhas, n'uma elevação arida e ingrata, dominando o porto da Villa que lhe jaz aos pés, e distanciada de dois kilometros approximadamente do da Nossa Senhora, mais ao sul, e com o qual porto communica, não só por borda mar atravez uma longa praia de arcias movediças, mas por cima, por uma estrada de utilissima construcção, que não satisfaz porém cabalmente ás exigencias do transito.

Está situada a 14°,53' latitude N. e 15°,33' longitude Occ. de Lisboa.

Tem 45 milhas de circumferencia e mede 15 de W. a E. e 14 de N. a S., regulando a sua superficie em 144 milhas quadradas.

Os seus portos principaes são o dos Mosteiros a N., pouco seguro e desabrigado para navios de grande lote, mas muito frequentado pelos *lambote* que entretêm as communicações d'essa parte da ilha, riquissima como veremos, com a Brava e principalmente com a de S. Thiago, com quem ella vive em mais estreitas e importantes relações commerciaes.

O porto da Villa e o de Nossa Senhora, servem alternadamente de ancoradouros em epochas seguidas do anno, utilizando-se o primeiro no tempo das chuvas (julho a novembro), e o segundo na esta-

ção das brisas (novembro a junho), e isto devido ao phenomeno da remoção de areias, que se dá também em S. Nicolau e pela mesma epocha entre os portos do Barril e da Praia Grande, remoção essa que se tem tentado explicar por varias theorias engenhosas, que não colhem, e que consiste, simplesmente, na passagem periodica e annual das areias que constituem as praias, e em parte mesmo d'aquellas que revestem o fundo dos respectivos ancoradouros, de um para outro porto, e isto devido talvez á direcção das correntes e das ondulações açoutadas favoravelmente ao sentido d'essas mudanças, por isso que no tempo das chuvas dominam os ventos de quadrante Sul e no das brisas as ventanias impetuosas do Nordeste.

O Fogo é a unica ilha do archipelago onde não ha hoje uma ponte ou caes que lhe facilite o accesso, effectuando-se por isso, tanto o embarque dos passageiros, como dos importantissimos valores da sua producção (café, cereaes e purgueira) por meio de pequenos botes que abicam á praia ou são impellidos ao mar depois de carregados, á força de braços, (muito similhantemente ao que se faz no Calhau da Madeira), ás vezes com grande risco de vidas, por isso que o mar quando embravecido põe em immminencia de naufragio essas pequenas embarcações, chegando mesmo a sua furia a ser intractavel durante dias consecutivos, o que traz sensiveis prejuizos á navegação e ao commercio.

É extraordinaria e de impositiva admiração, a pericia, a coragem e a destreza com que os indigenas capitaneiam esses botes e espreitam os jazigos, para affrontar essas ondas tão revoltas e tão ameaça dôras.

É preciso porém, que o passageiro seja prevenido de que é praxe seguida e estipulada entre elles, o mimosearem os seus hospedes com um banho mais ou menos completo, sempre que esses os não gratifiquem tão largamente quanto exige a sede insaciavel de aguardente... com que pretendem, desde seculos, matar o immortal *bicho* da sua selvageria brutal.

Não ha pontes, e segundo affirmações dos technicos, nunca as poderá haver sem dispendios fabulosos de dinheiro.

Esta questão não está, porém, bem liquidada; isto é, as affirmativas apesar de serem altisonantes (temol-as ouvido a governadores, a directores d'obras publicas, e a alguns officiaes de marinha), não parecem apoiar-se, por emquanto, em estudos e averiguações tão positivas que constituam um absoluto motivo de dissuação. E como o assumpto é de transcendente importancia; como temos ouvido também

afirmações contrarias a pessoas auctorisadas; como finalmente estamos habituados a ver todos os dias realisarem-se melhoramentos considerados impossiveis pela opinião technica, como pontes na ilha do Sal, canalisação de aguas em S. Vicente, etc. etc.: galgamos irreverentes por sobre o monumento das opiniões technicas, e continuamos ainda, talvez siderados pela energia dos nossos desejos, como Galileu o foi pelo extase das suas convicções. . . não só a dizer, mas a acreditar sinceramente, de que uma ponte na ilha do Fogo é praticamente realisavel.

Perdoe-nos a opinião technica, mas nós, como toda a gente, temos pleno direito de não respeitar o principio da auctoridade, quando elle fluctua sobre factos que não estão devidamente estudados, e accetando-o mesmo, pertencemos a essa tempera de homens que quando chegam a querer deveras, pensam sempre que nada ha de verdadeiramente impossivel.

A sua população, segundo a sua ultima estatistica, regula por 16:000 almas, habitando 2:797 fogos e distribuidos por quatro freguezias (*Nossa Senhora da Conceição, S. Lourenço, Santa Catharina e Nossa Senhora d'Ajuda*) sendo a mais populosa a de S. Lourenço, que abrangé uma tão longa área e que é tão mal servida de caminhos, que se torna de manifesta e urgente necessidade a fundação no sitio de S. Jorge de um cemiterio e d'uma igreja devidamente parochiada para preencher as funcções religiosas com relação ao povo miseravel que a povoa, como aliás foi indicado urgentemente pelos medicos na occa-sião das celebres epidemias de 1887 a 1889, em que cadaveres putrefactos jazeram por dois e tres dias insepultos, pela difficuldade de transporte atravez de ravinas escabrosas e invios trilhos, o que constituiu uma das mais sérias difficuldades n'essa epocha calamitosa em que a mortalidade subia a dezenas, rareando concomitantemente os braços válidos, para transporte de fardos tão pesados.

Nem o governo, nem o chefe da igreja a quem foram apresentadas as justas indicações a tal respeito, attenderam até hoje a esta impositiva necessidade, o que não admira, attendendo a que continuam impune e saudavelmente a profanar tudo o que ha de mais respeitavel nos costumes e nas proprias crenças, as *Guisas*, solemnizadas selvagememente a altos brados por toda a parte á sombra da imbecil tolerancia administrativa, como succede em S. Nicolau; as *pouzas* (paragens acompanhadas de canticos, feitas pelos parochos pelas ruas e em todo o transito funebre a 2\$400 réis a duzia) essa especulação em voga principalmente na Brava; e finalmente esse espectaculo vergo-

nhoso a que assistimos na ilha do Fogo, dos santos andarem, pelas festas de janeiro, vilipendiados nas ruas e estradas publicas pela embriaguez de vadios, arvorados em apostolos, e pela especulação de vendilhões, patrocinados pelas Juntas de Parochia.

Os aborigenes da ilha, segundo as affirmativas unanimes dos auctores, deviam ser descendentes de diminutos casaes europeus e dos negros transportados desde logo da Guiné; isto é, dos primeiros colonos, *criados* do infante D. Fernando (segundo affirma Lopes de Lima, etc.), e dos escravos importados para o arroteamento das terras.

Essa origem genealogica é uma pecha dura de roer, bem o sabemos, para illustres conterraneos nossos, cujas pretensões nobiliarchicas se estenderiam, segundo parece, por ahi além, attingindo e ultrapassando mesmo as decantadas cruzadas, apesar das catecheses da sua terra santa. Mas consolem-se os desilludidos fidalgos, que o tempo tanto dissipa as côres vivas dos brazões, como as tintas baratas das librés, e o transformismo, no seu labutar incessante, não respeita raças, como não respeita gerarchias, resumindo-se tudo finalmente na evolução de uma serie infinita de formas, mais ou menos bellas, mais ou menos admiraveis.

L'homme, blanc en Europe, jaune en Asie, rouge en Amerique, noir en Afrique, n'est que le même individu teint de la couleur du climat, dizia Buffon. E Buffon dizia bem, porque o homem, qualquer que seja a sua configuração e a sua côr, é e será sempre o condemnado Prometheu. Tanto mais desgraçado quanto mais exigente for o paladar do seu sentir, tanto mais admiravel quanto mais ampla fôr a capacidade concepcional do seu espirito, quanto mais larga fôr a amplitude da sua justiça, quanto mais efficaz fôr o exercicio da sua utilidade.

Foi, é, e será eternamente, esse somnambulo que atravessa a vida a altitudes differentes, sempre ladeado pelo deslumbramento de mil illusões mentidas e pelas horripilações da tetrica morte consoladora... apenas um funambulo do destino, que tropeça a cada passo nas rudezas de um caminho sem meta, indefeso sempre ante o olhar de Deus que o fita do alto, preocupado e vacillante ante a propria consciencia que o perturba de dentro.

Consolai-vos, pois, oh pseudo fidalgos; que o homem, nobre ou plebeu, branco, amarello ou negro, não é em vida senão um somnambulo funambulesco mais ou menos destro, e na morte apenas a transposição de um termo, n'essa immensa egualdade, que se chama — natureza.



A configuração da ilha apparenta-a a um enorme cetaceo, cujo dorso gigante correspondesse á alterosa serra que se lhe ergue no centro, desenhando-se com os seus grandiosos e pittorescos contornos de L. a W., e dividindo-a em duas zonas bem distinctas sob o ponto de vista climatologico e agricola e bem diferenciadas, na paizagem, no genero de cultura e no proprio typo dos seus habitantes.

Assim a região N. é fresca, arborisada e rica d'esse precioso café, hoje de uma reputação tão justificadamente europêa. Os seus filhos são energicos, o seu solo tem as alegrias da vegetação, o seu clima é delicioso; e para tudo ter de bom, possui o mais respeitavel, o mais bondoso e o mais caritativo padre que ainda conhecemos, o Revd.^o Padre João, tão simples e tão christão, estremecido pelo povo e abençoado pelos infelizes...

A zona S., ao contrario, é arida, é secca e desconsoladora; se chove, produz abundantemente cereaes que exporta em quantidade; se não chove, nada produz, immergindo na miséria milhares de desgraçados, que arrastam então uma existencia amargurada pelos desesperos mais sombrios. E sendo, como é, a região principal do pastico do gado, e não havendo, como não ha, policia rural que promova as inhumações, as estiagens ainda lhe trazem como sequito, as pestilentes emanções dos cadaveres putrefactos.

E tudo isso, ainda assim, nada vale comparado com as torturas por que seus habitantes passam, por effeito da deficiencia de agua.

Na ilha do Fogo, apesar de haver muitas nascentes e da melhor qualidade, o povo e os rebanhos agonisam, tendo um flagello que os açouta — o calor —, uma angustia que os devora — a sede; verifica-se ahí com uma realidade que compunge, o terrivel supplicio de Tântalo!

Effectivamente, estas nascentes são situadas a grande distancia dos centros populosos e difficilmente transportaveis, pelas accidentaes vicissitudes do terreno, de modo que, apesar dos muitos esforços empregados até hoje para facilitar o commercio da agua, as difficuldades são tantas e reproduzem-se tão periodicamente com as chuvas, que não tem sido possivel garantir sempre á população, mesmo por

preço elevado, a quantidade de que carece para as suas necessidades e para a sua hygiene.

Não sei em quanto está orçada a obra da protecção e encanamento das aguas *Praia Ladrão* (nascente principal) até horisontes livres e desnudados de perigos, mas o que a experiencia parece ter demonstrado á evidencia, é que os simulacros de garantia, esse sophisma com que a economia tem até hoje pretendido illudir a arrogancia impetuosa e brutal das chuvas, vae sorvendo a pequenos tragos receitas relativamente consideraveis, sem que por isso se tenha obtido um unico resultado, definitivo e apreciavel. E esta ilha, pela sua importancia actual, e pela grande significação que deve ter no futuro, parece bem merecer um sacrificio por maior que elle seja, concernente a saciar-lhe a sede. Tanto mais, que a realisação d'este pensamento, trazendo como consequencia proxima o desenvolvimento rapido d'este ramo de tão alta importancia commercial — o gado, — e um augmento immediato de todas as forças vitaes da sua população, augmentaria desde logo a sua riqueza, em quantidade que se nos affigura (talvez por sermos medico) capaz de equilibrar as despesas a fazer, por maior que ellas fossem.

Canalisem-se pois as aguas, façam-se reprêzas nas ribeiras, como pensa o director das obras publicas, construam-se cisternas como querem outros, explorem-se nascentes como aconselha Armand, mas resolva-se essa crise de cedencia, de certo bem mais digna da preocupação do estado e dos affagos da caridade, do que todas as decantadas fomes, contra as quaes tanto dinheiro e tanta rhetorica se tem desperdiçado.

A ilha do Fogo é uma das ilhas mais ricas, mais populosas e mais illustradas nas suas classes superiores, de todas as do archipelago.

E' fertil e productiva, e os seus habitantes morrem á fome; tem agua em abundancia e o seu povo definha-se á sede; tem todas as condições d'um clima de primeira ordem e é flagellada de continuo por hecatombes pathologicas, como as terriveis epidemias de 1887 a 1888 e de 1888 a 1889!

E' um paiz verdadeiramente paradoxal. O seu vulcão que aponta para o céu, derrama para a terra as lavas que a sepultam e esterilizam; a sua sociedade que tanto se orgulha de civilisada, encara as massas com tal indifferentismo, que as paralysa para o progresso e as aniquilla para a felicidade. O trabalhador da terra vive alli ligado a ella pela imposição de um destino impositivo e duro, sem consola-

ções do presente, sem saudades do passado, e sem almejos de esperanças no futuro. O seu olhar sem vida reflecte angustias de tristezas tenebrosas, e na sua physionomia sem expressão, esbate-se a humildade alvar das existencias torturadas.

Nada ha mais commovente do que a mascara da miseria, quando n'ella se pinta a estupidez, a ignorancia e a condemnação. E elle é um condemnado. Condemnado até pela pathologia: n'esses annos de mortandade a que nos referimos, em que falleceram centenas de pessoas, em que se póde calcular o numero de atacados superior a 15:000, só elle, o proletario, serviu de pasto á morte, só elle povoaou os cemiterios, como se o Deus da bondade e de justiça lhe quizesse dar como compensação extrema, na paz da terra a paz da sepultura.

Nada ha que complique mais o desenvolvimento civilizador d'essa ilha, como a de S. Thiago, onde se mantêm ainda no povo mais accentuadamente os habitos da subordinação, o terror exagerado á auctoridade, o desleixo pela vida, e todos os mais attributos inherentes á sua primitiva condição servil, do que a pessima distribuição agraria, a sofreguidão insaciavel do alto commercio e as condições expoliadoras e oppressivas dos arrendamentos da propriedade.

O arrendatario na ilha de S. Thiago, attento ás clausulas estabelecidas para os sobreditos contractos, (alguns já publicados como specimens e lidos até na camara dos deputados como argumentos), ficam mais escravizados pelas imposições estabelecidas e mais dependentes do proprietario pelas circumstancias peculiares á sua ignorancia, aos seus recursos de appellação e ás energias do seu protesto, do que o mais miseravel e lastimoso servo da antiga e commentada gleba. No Fogo não ha os contractos, mas ha o conluio commercial que justifica plenamente essa affirmativa do dr. Lereno: «na ilha do Fogo o negociante está para o povo, como a cabra está para a planta», comparou e disse bem, o nosso distincto collega, e nós repetimol-o, porque *amicus Plauto sed magis amica veritas*.

No Fogo dá-se um facto que chega a ter fóros de originalidade, traduzindo uma das linhas mais accentuadas da sua physionomia social. E' raro existir na burocracia, no magisterio, na agricultura, no commercio ou em qualquer das applicações mais elevadas da sua actividade, um unico europeu, ou mesmo qualquer filho distincto das outras ilhas do archipelago.

E o caso é tão extraordinario, que nem o proprio judeu pôde metter ainda o dente na sociedade impenetravel dos Fogueteiros!

O facto, porém, tem uma explicação facil e está bem longe de vestir as formas gigantes da inviolabilidade tradicional na China, resumindo-se apenas no principio natural da lucta pela existencia, e em não quererem os Fogueteiros, que sabem comer, que outros de fóra venham disputar e partilhar com elles, o que directa ou indirectamente pertence á sua terra; por isso as classes superiores, constituídas por tres ou quatro familias numerosas que se entrelaçam e se apertam, principalmente sob o ponto de vista dos interesses materiaes da vida, teem-se feito por tal modo solidarias e zelozas no exclusivo de todas as ganancias e de todos os empregos da localidade, que tornam nimamente impossivel a extranhos o estabelecerem-se alli como concorrentes, sendo pelo contrario uma das ilhas onde o estrangeiro, em geral, encontra a mais amavel e a mais fausta hospitalidade, sempre que a visita como simples amator.

Basta dizer-se que, apesar da sua importancia, das condições favoraveis do seu clima e do avolumado algarismo da sua exportação, só existem n'ella estabelecidos, hoje, dois europeus que saibamos: o sr. Antonio de Macedo, pae de um dos mais distinctos cabo-verdeanos, o nosso amigo Joaquim de Macedo, e o sr. Armand de Montzond, francez exilado no centro da ilha em uma verdadeira Thebaida, sobre quem mais tarde fallaremos detidamente, como merece.

*

* *

A paisagem da ilha é grandiosa e rude, enfeitada com todas as galas da vegetação sombria dos cafetaes ao N. e com todos os requintes luxuriantes do milharal, que na epocha das chuvas se estende como um grande manto sobre a zona S., aliás salpicada aqui e alli por espessos tuffos de verdura, como Pico Pires, Orgãos, Pedro Homem, Cerrado, etc., verdadeiros oásis ás ardencias do seu calor abrazador, para onde os patricios se refugiam na epocha pluviosa.

Destaca-se na extremidade E. fronteiro a S. Thiago, como uma sentinella vigiando o largo canal que as separa, o vulcão; alto de 3:200 metros, comparavel pela sua grandeza ao grande Etna, excedendo portanto e em muito, ao Hecla e ao decantado Vesuvio.

D'este monstro a entranhas de fogo, cuja descripção foi magis-

tralmente feita pelo sr. Brito Capello em relatorio especial, transcripto hoje em differentes documentos dispersos, não podemos nós falar senão com saudosas e impressionistas recordações, por isso que não conseguimos galgar o senão até á altura de 2:500 metros, por termos sido brutalmente castigados na nossa tentativa (em janeiro de 1889), por uma tempestade tão violenta, que nos ia reduzindo os ossos n'um feixe, marcando-nos a todos por largos dias, n'este sitio vulneravel onde, segundo Camillo Castello Branco, as costas mudam de nome, com vestigios indeleveis dos affagos dos seus declives erriçados de blocos e atapetados de lava.

Não tentaremos pois, descrevel-o com o material das proprias impressões, por não encontrarmos em nossa consciencia de chronista os estímulos de heroicidade que outr'ora animaram o espirito de Xenophonte na descripção da decantada retirada dos 10:000.

Citaremos apenas os nomes dos nossos sympathicos e destemidos companheiros de infortunios, José e Pedro Monteiro e Joaquim de Macedo, a quem decerto a dedicada amizade não consentiu abandonar-nos em tão arriscada empresa, não podendo egualmente deixar de anotar aqui, como preito de justiça, a admiração que nos souberam excitar *as mulas do Fogo*, pela coragem, pela resistencia com que se portaram e pela sobriedade com que se houveram, em tão prolongadas como angustiosas circumstancias.

E deixando assim orientada a curiosidade do leitor, se a tiver, por esses phenomenos titanicos com que a natureza sacode de quando em quando as loucas velleidades humanas; limitamos a afirmar que n'esses terrenos existem o enxofre, o sulphato de soda (a que o indigena chama *contra*) e a pozzolana, e a citar as datas das erupções mais violentas, que começariam segundo os documentos, em 1680, sendo mais ou menos frequentes e suaves até ás terriveis de 1785 e 1799, datas que estabelecem como que o inicio de um grande intervallo de acto n'essa extraordinaria tragedia geologica, tragedia que recomeça em 1816, como que intercortada pelos soluços finaes de um choro de gigante, pelos ruidos subterraneos e pelos tremores de 1846 e 1852, tão phantasticamente desenhados ainda pela tradição fallada, em toda a ilha, tendo tido logar a ultima erupção segundo as affirmativas locais em 1857.

Hoje a fogueira parece completamente extincta e o monstro aparenta dormir. Sente-se, entretanto, ainda na Brava, como outr'ora succedia na Sicilia ao bafo e ao remexer de Euclade, violentas oscil-

lações de terreno, simulacros assustadores de verdadeiros terramotos.

A primeira visita ao cume do pico e ao vulcão foi feita em 1819 pelos officiaes da marinha ingleza Vidal e Mugde, que naturalmente não arvoraram ali desde logo a bandeira vermelha, por acharem pouco estavel aos interesses britannicos a carcassa ôca de uma montanha de fogo.

A segunda foi realisada por Brito Capello em 1855, á qual se teem seguido varias outras ascensões de *touriste*, entre as quaes se cita mesmo a de uma menina portugueza, a ex.^{ma} sr.^a D. Laura Ribeiro da Silva.

Precisamos porém accrescentar, como resalva do nosso amor proprio, que toda essa gente, incluindo a illustre senhora a que acabamos de referir-nos, subiram alli na epocha propria, segundo a phrase crystallisada na localidade (de março a junho) e não em janeiro como nós nos aventurámos, apesar das contra-indicações unanimes de toda a gente, auctorizada e não auctorizada da terra.

Mas se do vulcão não poderíamos informar senão por allegações alhêas, não succede o mesmo com relação ás grutas e á grandiosa perspectiva da Serra, erguida a 2:915^m e que escalámos sob os ardores de um sol do meio dia, em companhia do infatigavel Augusto, unico guia ou companheiro que poudé connosco levar a cabo tão fatigante e extenuadora ascensão.

A Serra, é a grande montanha que se antolha da Villa, e que constitue de E. a W. o negro cortinado que veda o magestoso Pico, espreguiçando-se do lado, sem declives suaves até o mar e que cortada perpendicularmente sobre o N. em uma enorme extensão, como que constitue pelas columnatas salientes dos seus molles de basalto em forma de exclamações, uma lapide enorme onde a natureza inscrevesse a sua admiração extrema pelo vulcão que lhe fica fronteiro e que parece ter tentado ella em vão, impellir sobre o mar.

O panorama da Serra é grandioso e é bello. Do lado Norte a verticalidade do abysmo, em cujo fundo, ondulam as sombras do valle como phantasmas amedrontados pelo vulcão que domina tudo, agitando-se junto ás paredes a prumo da montanha contra as quaes embatem debalde. Do Sul, um enorme declive onde se desenham pequenos povoados com suas habitações de colmo, tamarindos gigantes vestidos de glauco, caminhos zig-zagantes como grandes fitas flexuosas, e aqui e alli... a vermelhidão de tectos aguçados, na refração viva das suas coberturas a telha de barro.

O panorama da Serra, abrangendo a quasi totalidade da ilha, sulcada por mil ravinas escabrosas, alcançando a immensidade do mar, e enxergando, a distancia, a Brava e S. Thiago nos delineamentos vagos de uma separação de leguas, constitue de certo um dos pontos de vista mais amplos, mais pittorescos e mais suggestivos da ilha, como a gruta do Ghôn-ghôn ¹ representa, pela sua legenda e pela sua grandiosidade, o local mais recommendavel ao *touriste*, e a lapa da *Redempção*, o sitio mais animado de recordações e saudades para nós e para todos os bons companheiros que n'ella se abrigaram na terrivel e inolvidavel noite de 3 de janeiro de 1889.

A gruta do Ghôn-ghôn, situada no monte Nhucó a 20^m acima do alveo da ribeira, que lhe corre aos pés nas epochas das chuvas, tem subjacente a conhecida nascente do Nhucó, pittoresca e aprazivel excavação na rocha, cuja abobada gotteja n'um desfallecimento de pedra murmurios suaves, a que o isolamento profundo do sitio dá timbres de uma doçura melancolica; esta fonte protegida pelas sombras do valle e enfeitada por fetos, avencas e musgos, tem os encantos de um nicho de fadas, onde se gosa uma atmosphera fresca, embalsamada e deliciosa.

A gruta communica com o atalho que conduz á fonte, por um trilho quasi vertical desenhado no talude da montanha, o qual trilho vem dar directamente a uma pequena plataforma que dá accesso ao seu portico de 2 metros de alto, aberto a W. e que pela sua configuração um tanto triangular, muito se assemelha ás antigas habitações dos Hebreus.

A lenda reveste esta fuma (como a chama o povo) das mais tragicas e mysteriosas tintas do maravilhoso.

Para uns é o recinto da convocação dos espiritos. — Para outros é a assembléa geral das feiticeiras. — Para toda a gente, um corredor sem limites, onde ninguem poderia embrenhar-se; onde as luzes se apagariam por motivos desconhecidos, e d'onde os raros animaes que se haviam aventurado uma vez, nunca mais haviam conseguido voltar.

Fomos nós que, em 1889, conseguimos percorrel-a toda, em companhia do nosso amigo Joaquim Monteiro e de dois indigenas a quem tratamos como medico, e que immolavam assim as suas superstições e os seus terrores na pyra da sua gratidão para comnosco.

¹ Ave noctivaga que frequenta a região.

Fomos nós porque o povo temia-a, como fica dito, e a gente principal da ilha acha muito mais interesse em outra casta de divertimentos do que em tentar excursões exploradoras a grutas... facto que elles, na sua imponente auctoridade, classificam de loucura.

Já o nosso distincto collega Custodio Duarte tentára em 1866, segundo nos consta, matar a sphinge, mas por motivos que não podemos averiguar, apenas percorreu uns 200 metros, tendo-se-lhe, a esta distancia, apagado as luzes de que se fizera acompanhar, isto devido, de certo, ás fortes correntes de ar que reconhecemos existir em todo o seu percurso.

A gruta é extensa de 1:128 passos (approximadamente 1:000^m), gastando nós 40 minutos a percorrel-a, por isso que não só tínhamos que andar cautelosamente, como quem pisa caminhos desconhecidos e quasi ás escuras, mas porque os derrocamentos da abobada em mais de um ponto nos obrigavam a exercicio a *quatre pattes*, o que complicava em muito a travessia. O seu pavimento sobe insensível e gradualmente, inclinando-se em curvatura larga, á esquerda, havendo uma differença approximada de 40 metros entre o nivel do portico e o *terminus* da sua extensão. Na primeira metade é abobadada de pedra rija, como trabalhada, apresentando em alguns pontos, grandes dilatações alterosas que afiguram verdadeiras salas ladeadas por galerias lateraes, onde se podiam assentar vasos, bustos ou pequenas columnatas de ornamentação.

Em toda a sua extensão mostra-se mais ou menos atulhada em pontos distanceados, com os derrocamentos do tecto, facilmente reconheciveis pelas cicatrizes que ahi deixam; gottejando em varios sitios a agua infiltrada das camadas superiores do terreno, o que constitue uma atmosphera humida de cheiro *fade* a vibrações monotonas e de uma impressão lugubre. Sente-se o desagradavel de uma catacumba.

A pouco mais da sua metade, apresenta-se bifurcada em dois caminhos, semelhantes a narinas separadas entre si por um septo de basalto, as quaes se reúnem posteriormente de novo, n'uma fauce unica que continua depois sem interrupção até ao fim. Este fim, resultado de certo de um desabamento maior que entulhasse de todo o canal, é constituido por blocos de forma irregular e juxtapostos, os quaes o obstruem completamente, sentindo-se atravez d'esse diaphragma de basalto, um ruido semelhante ao que se experimenta, quando se escuta um buzio, intacto e avolumado.

O nosso companheiro quiz interpretal-o como sons subterraneos

de manifestações vulcanicas; nós consideramol-o, apenas, como o resultado do silvar dos ventos, por um corredor sem sahida.

A partir de 500 passos, onde se encontra o primeiro grande barranco, não deparámos pisadas nem vestigios de animal de qualquer especie.

Todo o seu percurso é tenebroso e ameaçador; — a entrada, como dissemos, é magistralmente abobadada e toda vestida pela vegetação clara dos fétos, das avencas e dos musgos, que recebem da luz intensa e reverberante do exterior, as irisações festivas de um pequeno parque.

E' um local delicioso, sobremodo recommendavel para passeios e *pic-nics*, e dos mais curiosos, como originalidade, em toda a provincia. Fica no sopé da Serra, a 12 a 15 kilometros da Villa, e é apreciabilissimo apesar do seu rouquenho e antypathico nome.

*

*

*

Ao terminar esta curta noticia sobre a ilha do Fogo, trataremos de accentuar bem a sua importancia agricola, que tem chegado a abranger na verba exportada annualmente, a maiuscula cifra de 4:000 arrobas de café, 600 moios de milho, 600 de purgueira, 200 moios de feijão e muitas centenas de cabeças de gado; fechando este capitulo com chave de ouro, por isso que o fechamos com o nome de um dos homens mais respeitaveis e uteis que conhecemos.

Referimo-nos ao sr. Armand de Montron.

Não queremos, nem precisamos saber quem elle é.

Dizem-n'o descendente de uma illustre familia franceza; mas que importa?

O que elle é indiscutivelmente, é uma individualidade bondosa, porque esparge beneficios ás mãos cheias; um homem intelligente, porque comprehende e resolve quando todos titubeiam e declaram-se impotentes; illustradissimo, porque o revela na sua conversação cheia de interesse, no exercicio largo da sua actividade solidamente orientada, e em extremo util; porque tem feito e executado por si e por sua influencia, cousas que ninguem presumia realisaveis, ou possiveis sequer.

O sr. Armand tem sido um benemerito para a ilha do Fogo. Um

d'esses benemeritos que nunca chegarão a ser proclamados oficialmente nas collectividades politicas, como agora é costume ; mas um benemerito de facto, porque tem contribuido largamente para a melhorar e para a redimir, já pelo seu trabalho, já pelos seus estimulantes exemplos.

Isolado como um eremita na sua propriedade o *Baluarto*, tem feito ahi prodigios de melhoramentos, servindo de proficuo ensino e da mais nobre estimulação á agricultura. O seu apoio moral, é a alavanca mais poderosa de que dispõe hoje o povo, com quem elle se confraternisou na sympathica alliança do seu altruismo sem limites.

Tem concorrido da maneira a mais interessada e persistente para resolver o monumental problema do abastecimento das aguas ao povo, facto esse em que se interessa pelo sentimento da alta democracia que o rege e pelos dictames da sã religião que professa.

Construiu em dois annos, por um traçado seu, sob sua direcção e á custa do seu proprio trabalho, pela quantia inacreditavel de 2:500\$000 réis, o excellente e utilissimo caminho dos Mosteiros (36 kilometros) caminho que pelo traçado official, custaria 40:000\$000 réis ao Estado !!

Fez tudo isso, não tem na sua vida, que se saiba, senão actos de generosidade, de philantropia e de justiça, e comtudo o sr. Armand não conseguiu merecer mais do que alguns elogios esquivos n'esse Boletim official, onde tantos nomes, aliás sem se saber porque, teem merecido altas distincções, proclamadas em phrases sonoras de reclame.

Pois bem, condecoramos nós aqui o sr. Armand.

Condecoramol-o, perante os nossos compatriotas e os nossos leitores, convictos de que este justo relevo, dado ao seu nome pela apreciação leal do seu merito, não valerá muito menos do que as condecorações auri-luzentes que lhe poderiam vir referendadas pelos nomes dos Ministros da Corôa.

.....

E agora que vamos partir para a Brava, teríamos que ir pessoalmente á casa de toda a gente, como amigos, se quizessemos seguir o exemplo dos colleccionadores da popularidade ; mas como os não imitamos, limitar-nos-hemos a dizer adeus com saudades, apenas, aos bons amigos do Fogo, o que nos basta, nos lisongêa e nos consola.